

Dilma cai nas pesquisas, a submissão à burguesia continua

Pesquisa da Datafolha do dia 10 de maio aponta nova queda das intenções de voto em Dilma e também a possibilidade de haver segundo turno nas eleições de outubro. Dilma aparece com 37%, Aécio Neves com 20% e Eduardo Campos com 11%.

A popularidade do governo também sofreu queda. Em pesquisa divulgada no final de abril, encomendada pela Confederação Nacional do Transporte, a avaliação positiva do governo (soma da avaliação de "ótimo" e "bom") caiu de 36,4% em fevereiro para 32,9% em abril.

A base aliada entra em pânico. Setores da burguesia lançam a campanha "volta Lula". O PR (antigo PL) lançou um manifesto dirigindo-se ao PT clamando para que indiquem Lula como candidato. O cálculo de setores da burguesia é o de que Lula, com sua autoridade política sobre os trabalhadores, é o melhor presidente para conter as mobilizações que se intensificam com a chegada da crise econômica.

O governo Dilma segue com suas benesses aos capitalistas. No dia 19 de maio anunciou o Plano Safra 2014/2015, que destinará R\$ 156,1 bilhões de crédito barato para o agronegócio, plano obviamente elogiado pela senadora Kátia Abreu (PMDB), líder da bancada ruralista.

O governo de colaboração de classes, quando não está encabeçando a repressão das mobilizações (como foi o caso do envio do Exército e da Força Nacional

de Segurança para reprimir manifestantes contrários ao Leilão do Campo de Libra), é conveniente com a repressão realizada pelas polícias militares estaduais. Todo um aparato de repressão está sendo preparado para impedir qualquer manifestação ou greve durante a Copa do Mundo, aparato que permanecerá montado para as manifestações que continuarão depois do mundial.

Para romper com esta política de colaboração de classes, a Esquerda Marxista defendeu no Encontro de Tática Eleitoral do PT:

"(...) Nosso objetivo como diz o Manifesto de fundação do partido é lutar contra toda opressão e exploração (...)"

a) O governo Dilma deve declarar uma inversão de rumos e mobilizar para reverter imediatamente todas as privatizações, a começar pela volta do monopólio estatal de petróleo e gás, energia elétrica, telefonia, Vale do Rio Doce, Ferrovias, Portos, aeroportos, estradas, saúde, educação.

b) O governo deve atender às reivindicações dos trabalhadores, reverter todas as reformas da previdência, decretar estabilidade no emprego, reajuste de salário automático de acordo com a inflação e fazer a reforma agrária.

Nosso objetivo na fundação do partido era a luta pelo socialismo, contra o capitalismo. A única forma de avançar neste caminho é abandonar a linha de alianças e colaboração de classes e resga-

tar a independência política e de classe do PT."

Propusemos ainda que o PT, em 2014, deve lançar candidato à Presidência da República, candidatos a governador, senador e deputados, em todos os estados, rompendo a aliança com todos os partidos burgueses (PMDB, PP, PDT, PRO, PR, PTB etc.)

Defendemos o não pagamento da dívida interna e externa, reverter todas as privatizações, interromper a repressão e os projetos (revogar a LSN, a GLO etc.), cessar a ocupação militar e retirar as tropas do Haiti, garantir saúde, educação e transportes públicos e gratuitos para todos.

"Este é o caminho que poderá empolgar a militância e derrotar os inimigos de classe dos trabalhadores e da juventude, recolocando PT com capacidade de responder a altura às mobilizações em todo o mundo, e no Brasil, contra a terrível situação em que o capitalismo e o imperialismo mergulharam o planeta.

Por um governo Socialista dos trabalhadores!

Viva a luta pelo socialismo!"
(Trechos da proposta de resolução da EM ao Encontro do PT).



Quem somos

A Esquerda Marxista (EM) é uma organização de luta pelo socialismo. Como seção brasileira da Corrente Marxista Internacional (CMI), lutamos em todo o mundo para ajudar os trabalhadores e jovens a se organizarem na luta por sua emancipação.

Lutamos contra a colaboração de classes e contra a defesa do capitalismo e sua maquiagem feita pelos reformistas. Nada temos a ver com

as organizações e agrupamentos ultraesquerdistas que, incapazes de se relacionarem com a classe trabalhadora, dedicam-se ao divisionismo e ao denunciamento inócuo e impotente. Nós lutamos nas organizações de massa para construir uma corrente revolucionária de massas. Nesse sentido atuamos na luta de classes e nas entidades historicamente construídas pelos trabalhadores e pela juventude.

A EM dirigiu as ocupações de fábricas lutando por sua estatização sob controle dos trabalhadores, luta por educação pública e gratuita para todos, pela reestatização de tudo o que foi privatizado, contra a criminalização dos movimentos e organizações dos trabalhadores, em defesa das conquistas e reivindicações da classe trabalhadora e da juventude, contra o capitalismo.

Foice & Martelo

Boletim semanal da Esquerda Marxista - seção brasileira da Corrente Marxista Internacional. Número 45 - 21 de Maio de 2014 - Preço R\$ 1,00



No dia 15 de Maio grandiosa manifestação dos professores ocupou as ruas de São Paulo

Começa o aquecimento para os jogos da FIFA: vai ter Copa e vai ter luta!

Enquanto os jogadores selecionados por Felipão se preparam para o mundial que começa em 12 de junho, o resto do país começa um aquecimento de outro tipo: da luta de classes.

Nas montadoras o clima é de incerteza. Com os estoques aumentando, algumas empresas começam a baixar o preço dos automóveis para tentar vender alguma coisa enquanto preparam férias coletivas e Planos de Demissão Voluntária (PDVs). Todos sabem que a cadeia produtiva das montadoras envolve uma quantidade enorme de empregos. Algumas centenas de postos de

trabalho a menos numa montadora correspondem a dezenas de milhares de desempregados na cadeia produtiva.

Estariam os batalhões pesados da classe operária dispostos a se colocar em movimento mesmo com o freio das direções sindicais traidoras? Antes ou durante a Copa é improvável, mas depois da farrá da FIFA, não vão ser as eleições que esfriarão os ânimos. O segundo semestre promete.

Também não faltam promessas de luta já para o primeiro semestre. Os servidores federais, de diversas categorias, ou já estão em greve ou ameaçam parali-

sar, antes ou durante o mundial. Isso pode significar mais de 500 mil servidores em greve, afetando serviços que vão desde segurança de aeroportos até a fiscalização de fronteiras, passando pelas Universidades Federais, Judiciário, SUS etc.

O governo diversifica suas táticas: suspende as aulas durante toda a Copa do Mundo nos estados onde haverá jogos do mundial. Oras! Feriado nos dias de jogos do Brasil até é compreensível, mas parar as aulas por 30 dias é completamente desproporcional! Isso só corresponde ao objetivo de impedir que os estudantes se



Greve dos motoristas de ônibus trancou São Paulo no dia 20

concentrem nas escolas e faculdades durante um período onde tudo é imprevisível. A ideia é dificultar a mobilização da juventude. Mas o tiro pode sair pela culatra. Afinal, ninguém aguenta mais as péssimas condições da educação, da saúde e dos transportes. Ninguém aguenta mais a repressão.

Os protestos sectários sob a consigna “Não vai ter Copa”, como prevíamos, não conquistaram adesão de massas. Porém, a situação é muito instável. A repressão policial cada vez mais violenta pode desencadear um movimento de solidariedade de massas, não contra a Copa, mas contra a repressão. Durante a Copa não é o mais provável, mas não pode ser descartado. Ainda assim, uma manifestação com uma bandeira justa durante o mundial, pode trazer novamente as massas às ruas – este é o potencial que carrega a manifestação pela Tarifa Zero marcada para 19 de junho, em São Paulo.

Em meio a isso, professores de vários lugares entram em greve, com destaque para o Rio de Ja-

neiro, onde estes trabalhadores, da rede municipal e estadual, estão paralisados desde 12 de maio, e para São Paulo, onde os professores da rede municipal estão em greve desde 23 de abril, já tendo realizado passeatas com mais de 10 mil – fato inédito para a categoria nas últimas décadas.

Na última semana, uma dessas passeatas de professores, com cerca de 15 mil manifestantes, ocorreu no mesmo horário que um protesto “Não vai ter Copa”. Apesar de sectários terem proposto que os professores se unissem ao ato contra o mundial, a categoria rechaçou a proposta. Não que estes trabalhadores não compreendam a necessidade de criticar a farrá da FIFA com dinheiro público e os abusos cometidos em nome de construir os estádios e a infraestrutura do evento, mas eles não são contra a Copa. Os professores de São Paulo, assim como a maioria da classe trabalhadora brasileira, querem que haja Copa, querem assistir aos jogos, torcer. Só os sectários não compreendem isso.

Outro fato relevante é que a PM

reprimiu violentamente o ato “Não vai ter Copa”, enquanto que não houve repressão contra os professores (que estavam em número muito maior e “atrapalharam” muito mais o trânsito na cidade). Isso revela que o governo não se sente seguro para aplicar uma repressão desenfreada a todos. Ou seja, teme uma reação das massas.

A presidente Dilma aparentemente recuou, quando, em abril, numa reunião com organizações de juventude (entre eles a UNE e o MPL), afirmou que o Planalto não encaminaria nenhum projeto de lei que aumentasse a repressão sobre as manifestações. Mas isso não muda o fato de que o governo criou a “Força Nacional” para conter os protestos e deixará grandes contingentes das forças armadas aquarteladas, “de prontidão”, durante a Copa do Mundo, inclusive com satélites monitorando o entorno dos estádios!

Sua resposta aos “representantes” da juventude é chamá-los a ajudar o governo a combater pela “Reforma Política”. De nossa parte, temos claro que não será reformando o Estado capitalista e suas instituições que qualquer problema será resolvido. Por isso, em vez de entrar na ciranda do “Plebiscito por uma Constituinte Exclusiva para fazer a Reforma Política”, construímos a campanha “Público, Gratuito e Para Todos: Transporte, Saúde, Educação! Abaixo a Repressão!” que levanta claramente a bandeira do socialismo. Junte-se a nós!

Quando terminávamos a redação deste editorial tivemos notícia de que em São Paulo explodiu a greve dos motoristas e cobradores de ônibus. Esta greve passou por cima da vontade da direção do sindicato. Esta tendência, junto com as greves de massa, já puderam ser observadas nas lutas dos professores e garis do Rio de Janeiro. Um novo tempo se anuncia.

Mais sinais de exaustão da Economia

A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico e o Fundo Monetário Internacional reduziram projeções de crescimento do PIB brasileiro este ano para 1,8% (menos da metade da previsão do fundo há um ano).

Economistas consultados na pesquisa Focus, do Banco Central (BC), reviram a projeção de crescimento do PIB para 1,63%.

Nos últimos anos, o Brasil foi beneficiado pelo forte crescimento da China, pela valorização das commodities e ampla oferta de crédito no mercado global. Com a desaceleração da China e o fim da sobrevalorização das commodities, os ventos que sopram cá causam o avanço da inflação que devora como um dragão as pequenas reposições de perdas e aumentos salariais obtidos com muita luta.

Análise a partir de dados do IBGE e do BC mostra a taxa de crescimento da massa salarial e a taxa de variação do custo do cré-

dito para pessoas físicas em níveis muito próximos, o que deve levar à insolvência do consumidor. Crescimento da inadimplência é esperado no varejo, cuja expansão foi artificialmente impulsionada pelo barateamento do crédito. O avanço da inflação faz voltar o juro alto e prazo menor de financiamento com freada nas vendas e alta de estoques.

No primeiro trimestre o ritmo de alta de estoque no varejo superou em 1% a venda. O quadro piorou com Dia das Mães. O fraco desempenho deixou para o segundo trimestre a herança de estoques altos de itens mais caros e normalmente financiados, como eletroeletrônicos, móveis, computadores e celulares. A perspectiva é que o encalhe de produtos afete a indústria, que encerrou março com estoques altos na maioria dos setores.

A aposta de que mais capitalismo é bom para todos vai demonstrando seu limite. Os péssimos



Milhares de carros entopem os estoques

serviços públicos de saúde, transporte e educação, bem como a alta do custo de vida, vão minando o sonho de que todos teriam seu maravilhoso lugar sob o capitalismo. A realidade, a luta e organização independente vão esculpindo a consciência de que apenas a expropriação dos meios de produção pelos trabalhadores atenderá as necessidades humanas.

Sob o socialismo, o assalto aos céus será o limite.

Mortes de operários abrem nova etapa na luta de classes na Turquia

Após as grandiosas manifestações ocorridas em maio de 2013 na Turquia, depois que o governo anunciou que pretendia demolir um parque para reconstruir um quartel e construir um centro comercial, a população se rebelou e foi duramente reprimida. Milhões tomaram as ruas e passaram a exigir a queda do governo.

Agora, uma mina de carvão explodiu na cidade de Soma, no leste do país, matando mais de 300 mineiros. Uma nova onda de mobilizações e protestos tomou conta da Turquia.

O primeiro-ministro, Recep Tayyip Erdogan, tratou o caso como mero acidente, para ele comum e inerente à atividade mineiradora, demonstrando seu desprezo para com os trabalhadores que têm suas vidas ceifadas pelas péssimas condições de trabalho.

O Partido da Justiça e Desenvolvimento (AKP), ao qual Erdo-

gan pertence, rejeitou uma moção apresentada pelo opositor Partido Republicano do Povo (CHP) no parlamento turco.



Trabalhadores tomam as ruas na Turquia

A moção dizia: “Exigimos uma investigação de todos os acidentes mineiros em Soma, para descobrir as razões e os responsáveis pelas mortes nos acidentes, e encontrar soluções permanentes que previnam a repetição desses casos, e

para medir a aplicação adequada da lei por parte destas entidades e sua auditoria”.

Erdogan, em visita ao local do acidente foi cercado pela população trabalhadora e só não foi linchado porque sua guarda e tropas militares bateram em retirada, escondendo o primeiro ministro da raivosa manifestação.

Os trabalhadores se ergueram em greve, exigiram a demissão do governo qualificando-o de “assassino” e “ladro”. A multidão atacou e destruiu os escritórios regionais do AKP em Soma.

Os sindicatos devem assumir e realizar uma greve geral para derrubar o governo do AKP. Há que por abaixo Erdogan e renacionalizar todas as empresas privatizadas (inclusive as minas). Cedo ou tarde os trabalhadores serão levados a se conscientizarem da necessidade de erguerem seu partido e abrir a via ao socialismo.